



## A IMPORTÂNCIA DE PARCERIAS NA PREVENÇÃO DAS VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS

ABRAMOVAY, Miriam<sup>1</sup> - Ritla  
[mabramovay@gmail.com](mailto:mabramovay@gmail.com)

PEREIRA, Marlene Monteiro - Ritla<sup>2</sup>  
[marlene.pereira@ritla.org.br](mailto:marlene.pereira@ritla.org.br)

Eixo Temático: Violências nas escolas

### Resumo

A **RITLA (Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana)**, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação/GDF, está realizando um ***Plano de Convivência Escolar na Rede Pública de Ensino***. Parte do processo foi a realização de pesquisa qualitativa e quantitativa, representativa de todos os alunos e professores da rede pública de ensino do DF, do 5º ano a 3ª série do Ensino Médio. Investigando as relações sociais e os conflitos expressos e latentes no ambiente escolar, procurou-se identificar as percepções de alunos, professores e da equipe de direção procurou-se mapear os tipos de incidentes ocorridos, frequência e gravidade dos mesmos. Ao final da pesquisa foram realizados seminários devolutivos de apresentação dos resultados para professores, diretores e demais envolvidos e, como consequência da pesquisa criou-se o **Curso Juventude, Diversidade e Convivência Escolar**. O curso está sendo ministrado por especialistas em diversas temáticas, e visa formar um grupo de 640 professores e coordenadores das séries finais do Ensino Fundamental, estimulando-os na complexa discussão sobre violências nas escolas e instigando-os à reflexão aprofundada sobre o tema. O curso aborda importantes temas como: violência e sociedade, juventude, família e escola, violência e discriminação no ambiente escolar, gênero e sexualidade na escola, convivência escolar, mediação, drogas e tráfico no contexto escolar, gangues, adolescentes em conflito com a lei, entre outros. As discussões terão como produto final um **projeto de intervenção social** a fim de colaborar com a construção de uma nova forma de convivência no contexto escolar. O objetivo é fornecer aos cursistas as ferramentas necessárias para a construção de melhores relações na escola, fazendo com que esta seja um local protegido, onde todos os envolvidos possam discutir e dialogar sobre seus fenômenos cotidianos.

**Palavras-chave:** Violência. Escola. Pesquisa. Convivência. Diversidade.

---

<sup>1</sup> Coordenadora de Pesquisas.

<sup>2</sup> Coordenadora Curso- Juventude, Diversidade e Convivência Escolar – Ritla

## **Introdução**

A escola absorve acontecimentos exteriores a ela, convivendo com a exclusão social, o desemprego e a violência, fatores que interferem diretamente em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, a escola vive uma crise decorrente do aumento de matrículas, a chamada “massificação” do ensino. Este fenômeno do intenso acesso à escolarização e suas conseqüências não se restringem ao Brasil. No entanto, aqui ganham contornos particulares devido às enormes desigualdades econômicas e sociais.

A escola reflete a sociedade e os fenômenos exteriores e que interferem diretamente em seu cotidiano, mas reproduz as violências de fora para dentro e produz mecanismos internos de micro violências, violência simbólica e violência dura. A violência que atinge e vitima a comunidade escolar é um problema crucial.

Dessa forma, tanto a violência física como a violência simbólica, encontradas no ambiente escolar, são fenômenos bastante preocupantes. Ressalte-se que, apesar das situações encontradas nas escolas, as pesquisas mostram que a violência é construída e, logo, pode ser desconstruída por meio de estratégias que protejam as escolas transformando as “escolas de risco” em “escolas protetoras”.

Mapear as violências nas escolas em suas diversas expressões exige, por certo, o entendimento de quando e como essas ações são realizadas. Torna-se necessário conhecer como os integrantes se articulam o que pensam, como vivem e quais as suas expectativas, além do universo de representações tecido em torno da violência. Respostas a essas questões, obtidas por meio de diagnósticos da realidade, são fundamentais para a formulação de políticas públicas que promovam uma melhor convivência escolar e mecanismos institucionais para se lidar com o problema cotidiano das escolas.

Em suma, verifica-se que diagnósticos sobre o clima escolar são instrumentos de gestão eficientes que contribuem para propor recomendações de políticas públicas e incentivam o desenvolvimento de estratégias de prevenção e combate à violência que atinge as escolas conforme suas próprias realidades.

## **Quem somos?**

A Rede de Informação Tecnológica Latino-americana (RITLA) é um organismo internacional, de caráter intergovernamental, que reúne os países latino-americanos

integrantes do SELA (Sistema Econômico Latino-americano). Sua missão é fortalecer a cooperação regional, consolidar os mecanismos de colaboração e intercâmbio vinculados ao emprego das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e debater os temas de sua área de competência na região e no mundo. A Sede Executiva está localizada em Brasília, capital da República Federativa do Brasil.

### **Por que tem como tema principal juventude, diversidade, violência escolar e participação social?**

É preciso alertar que não há somente uma juventude, mas **Juventudes** que se constituem em um conjunto social diversificado com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na nossa sociedade. A juventude por definição é uma construção social relacionada com formas de ver o outro/a outra, inclusive por estereótipos, momentos históricos, referências diversificadas e situações de classe, gênero, raça, grupo entre outras. Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que de certa forma são globalizadas (ABRAMOVAY, 2005).

Os adolescentes e jovens encontram-se em uma etapa de **construção de sua identidade**, buscam sua autonomia, são gregários, procuram galeras, turmas, gangues e até a incorporação no tráfico de drogas. Vivem momentos de encantamento e desencanto com a nossa sociedade, vivenciando hostilidades, falta de compreensão, ambientes ríspidos. O que necessitam é segurança, estímulo, sentimentos de confiança na nossa sociedade, conhecimento, pertencimento e fazer-se escutar (ABRAMOVAY, 2005).

Todos sabem que a escola é um campo vasto e diversificado, marcado por uma série de dificuldades ancoradas nas precárias condições educacionais e que os adolescentes e jovens são apenas alguns atores a mais nesse complexo sistema. Para Snyders (2001), a escola preenche basicamente duas funções, que são **preparar o futuro e assegurar ao aluno as alegrias presentes** durante esses longuíssimos anos de escolaridade que a nossa civilização conquistou para ele. Faz-se necessário assumir a escola com certo olhar avesso aos estereótipos, trabalhando para a superação das dificuldades, onde as contradições inerentes convivam de forma tolerante e incentivando o processo criativo.

Na última década houve uma grande democratização da escola, abrindo-se para novos contingentes de alunos, principalmente de classes populares, sem estar preparada para atender

esta demanda, quer em termos de recursos físicos (equipamentos), quer em termos de recursos humanos. Na realidade a escola acolhe e reforça os processos de desigualdades existentes na nossa sociedade, tornando visíveis certos bloqueios do sistema para aqueles adolescentes e jovens não afinados com o código escolar. A escola encontra-se despreparada para empreender mudanças, que lhes permita lidar com os anseios diversificados dos adolescentes e jovens e podemos afirmar que existem dificuldades ao lidar com este público heterogêneo.

Como a escola tem dificuldade de atender os adolescentes e jovens preparando-os para o contexto social, o resultado pode ser um sentimento de **impotência, baixa auto-estima, indisciplina**, que à medida em que este aluno não pode mudar a escola, ocorre resistência através do desinteresse e da violência. A perspectiva da individualização da culpa pode culminar para que o aluno se sinta como um não-sujeito. O que acontece é uma homogeneização dos alunos por meio da inculcação de valores e normas universais, não respeitando a individualidade e característica dos jovens como seres multiculturais, cuja cultura singular se forja em contextos sociais múltiplos e heterogêneos.

O Brasil é um país de uma cultura social altamente autoritária. Isto é consequência de relações sociais rígidas e hierarquizadas, cujo modelo foi levado para todas as instituições, inclusive à escola. É justamente onde os mecanismos institucionais deveriam funcionar, que se encontram incivilidades, inabilidade e impossibilidade de colocar-se no lugar do outro. Por isso a análise de cada instituição é importante, pois a escola de qualidade não pode ser acometida por problemas como a falta de segurança, o medo, o terror, a eclosão de graves conflitos, e incivilidades de várias ordens, deteriorando o clima, as relações sociais, e impedindo que a escola cumpra a sua função. Há entre alunos e professores um sentimento de insegurança e abandono do espaço social e muitas vezes a escola se torna omissa e pouco presente. A escola tem que estar preparada para assumir as respectivas condições em que vivem seus alunos, criando estratégias de acesso, pertencimento, permanência e qualidade, pautadas no respeito ao outro e na inclusão de todos no processo de ensino-aprendizagem.

Podemos concluir que existe uma evidente tensão entre a lógica dos professores, da escola e a lógica dos adolescentes e jovens que buscam no sistema escolar o “ser jovem”. É necessário considerar os estudantes de maneira que possam consolidar sua identidade pessoal, por meio de uma imagem positiva de si mesmo, de independência, levando em conta os seus interesses, possibilidades e aptidões. É impossível hoje separar a vida dentro e fora da escola, na medida em que os adolescentes e jovens trazem para seu cotidiano escolar sua maneira de

ser, sua linguagem e cultura de uma forma aberta, flexível, natural e instável, causando conflitos entre a cultura juvenil e a cultura escolar. Essa tensão entre a lógica dos professores/escola e a lógica dos alunos, reside em que os primeiros buscam no jovem o bom estudante, enquanto os alunos procuram não se restringir ao papel de estudante que lhe foi atribuído pelo sistema educacional.

É na discussão do que acontece no cotidiano escolar, na participação dos diferentes atores no processo pedagógico, nos destinos da escola que se torna viável a criação de novos mecanismos democráticos de diálogo e de aceitação do sistema educacional. Para que exista sintonia com o universo juvenil e suas múltiplas formas de expressão, é imprescindível estar atento e aberto ao contexto em que este jovem manifesta continuamente o sonho com uma educação que lhes propicie participação cidadã e o desejo de uma escola que respeite sua diversidade.

A diversidade é um valor tão decisivo quanto à igualdade. Historicamente, as sociedades se movimentam entre a negação dos direitos e a exclusão, e o reconhecimento da igualdade de direitos e os direitos particulares dos portadores de diversidade. A igualdade de direitos e dignidades é fundamental para o reconhecimento do outro, que é a base de toda a diversidade. Isto implica de algum modo em desigualdade e assimetria; ainda, quem é portador de diversidade o mantém freqüentemente em condição social e legal de desigualdade. Quem se mostra diferente não se pode fazer culturalmente igual, nem pedir que respondam a modelos impostos, mas deve ser valorizado e reconhecido por sua diferença.

A escola, como espelho da sociedade, contém no seu interior muitos tipos de diferenças relacionadas entre si, alunos e professores, adultos com determinadas funções, homens e mulheres, e as diferenças vinculadas a fatores sociais, étnicos, culturais e religiosos, diferenças de habilidades, de cognição e aprendizagem entre alunos, a maneira de ensinar dos professores e outras diferenças individuais que aparecem nas escolas.

Ao tratar o conjunto extremamente complexo de diferenças, as escolas se sentem influenciadas por questões culturais e sociais. Assim, justifica-se que não só a questão de **juventudes**, mas também a diversidade por terem uma ligação estreita com o contexto social, devem sofrer intervenções de mudança que busquem a ajuda de todos os envolvidos. Nesse sentido, formulou-se a proposta de elaboração de um projeto de intervenção social como trabalho final do curso.

Nos últimos anos, as sociedades têm tomado maior consciência sobre as violências que experimentam os adolescentes e jovens menores de 18 anos nas escolas. Assumido como um fenômeno que se manifesta nas sociedades contemporâneas, sem levar em consideração seu grau de desenvolvimento político ou econômico, sua cultura ou religião, as violências nas escolas apresentam-se como um sério problema social que tem cada vez mais relevância nas agendas das políticas públicas nacionais e internacionais (ABRAMOVAY, 2005).

Atualmente, as discussões que orientam a questão sobre intervenção e prevenção das violências nas escolas teve uma mudança muito importante. Por ser um assunto que ficava dentro das paredes das escolas (como a violência doméstica e intrafamiliar), há muitos anos se reconhece que é um problema presente em todas as sociedades e insiste-se na urgente criação e fortalecimento de ambientes escolares seguros concebidos como um requisito importante para a aprendizagem dos adolescentes e jovens.

Assim, a partir dessa perspectiva, as violências nas escolas coincidem como uma grave ameaça aos direitos dos adolescentes e jovens, sobretudo aqueles que apresentam alguma característica específica (sexo, etnia, religião, idioma, idade, aparência física, nacionalidade, entre muitas outras) se tornam ainda mais vulneráveis às múltiplas agressões infringidas por outros. Além disso, ainda outros fatores agravam a situação como a pobreza, a desigualdade, a exclusão política e social, a imigração, os grupos organizados, entre outros.

Hoje em dia as violências nas escolas constituem um problema abordado por atores internacionais, nacionais e locais, ocupados não só com a educação como também com a saúde, cultura, direitos humanos, democracia, desenvolvimento social e outros assuntos. Existe também uma demanda de estudos científicos preocupados com análise, compreensão e explicação do fenômeno no meio acadêmico. As violências nas escolas já começam a preocupar os cursos de graduação das Universidades como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Pedagogia, entre outros.

Encontramos alguma preocupação em torno desse tema pelos políticos, os responsáveis pelos sistemas educativos, os integrantes das organizações da sociedade civil, os acadêmicos, a mídia, os membros das comunidades escolares (diretores, professores e pais), entre muitos outros. Este interesse se manifesta na urgência de busca de conhecimento sobre o fenômeno e, principalmente, em buscar e implantar ações que previnam, diminuam e erradiquem as violências nas escolas.

## Atividades desenvolvidas

O **Plano de convivência escolar contra a violência nas escolas** manifesta particular preocupação devido aos altos índices de violência registrados nos ambientes intra e extra-escolares brasileiros. Assim, para a realização do presente Plano foram propostas algumas atividades inéditas no contexto escolar.

Parte do processo foi a realização de pesquisa qualitativa e quantitativa, representativa de todos os alunos e professores da rede pública de ensino do DF, entre a 5<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental e o 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio. A amostra foi constituída por seis escolas por Diretoria Regional de Ensino - DRE (quatro de Ensino fundamental – séries finais – e duas de Ensino Médio). A pesquisa dedicou-se à realização de um diagnóstico sobre a convivência escolar, o que consistiu em investigar as relações sociais, os conflitos expressos e latentes no ambiente escolar, identificar as percepções de alunos, professores e do corpo técnico-pedagógico sobre o conflito e a violência, mapear os tipos de incidentes ocorridos, frequência e gravidade dos mesmos.

A iniciativa de desenvolver uma pesquisa sobre convivência escolar e violência nas escolas com a finalidade de embasar ações concretas, levada a cabo pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, é um empreendimento pioneiro no Brasil. Corresponde a uma etapa fundamental para compreender e retratar a realidade como passo importante na tentativa de estimular uma atmosfera não-violenta nas escolas e a criação do hábito do diálogo e da resolução de conflitos, contribuindo, assim, para a melhora da qualidade de ensino e de aprendizagem e evitando que problemas comuns ao cotidiano cresçam e se desdobrem em desfechos graves.

Neste processo, foi realizada a pesquisa *Revelando Tramas, Descobrimos Segredos: violência e convivência nas escolas* (ABRAMOVAY, CUNHA & CALAF, 2009), que se dedicou à elaboração de um diagnóstico sobre a convivência escolar. Isto implicou em uma investigação aprofundada das relações sociais travadas nas escolas: os conflitos latentes e expressos, as percepções de alunos, professores e equipe de direção sobre as escolas, os conflitos e as violências. Foi possível, desta maneira, mapear o que se pensa e o que acontece em relação à violência e à convivência nas escolas do DF.

A pesquisa conjugou metodologias quantitativas e qualitativas para a coleta de dados. O esforço de trabalhar com as duas abordagens de pesquisa partiu do pressuposto de que a realidade social deve ser analisada em sua complexidade, o que fez com que a combinação de

técnicas de pesquisa e análise emergissem como opção mais viável. Por exemplo, somente as falas dos próprios sujeitos possibilitaram a compreensão da importância dada às relações sociais (e seus significados) e perceber as contradições nelas existentes, enquanto os números coletados permitiram analisar a amplitude dos fenômenos ocorridos dentro das escolas.

De junho a setembro de 2008 foram aplicados cerca de 10 mil questionários para alunos e 1300 para professores e membros da direção. De junho a dezembro de 2008 foram realizadas entrevistas e grupos focais com alunos, professores, equipes de direção, além de policiais e seguranças privados das escolas. Foram realizadas, também, observações de campo por todos os pesquisadores envolvidos. Ainda, os alunos das escolas pesquisadas escreveram redações sobre os seguintes temas: “Imagine que você tem um grande amigo que não mora em Brasília. Escreva uma carta para ele contando como é seu dia – desde a hora que você sai de casa para a escola até voltar para casa. (Fale, por exemplo, do que você mais gosta na escola, do que você tem medo e sua opinião sobre as pessoas da escola)”.

### **Principais aspectos conclusivos da pesquisa**

Percebe-se que tanto alunos quanto professores possuem pouco acesso a atividades culturais e de lazer – como teatros, museus, cinemas e shows musicais – bem como a atividades esportivas. Em relação à percepção sobre a escola, muitos alunos consideram a escola boa, entendendo-a como um espaço de aprendizagem que possui bons professores e onde vínculos de amizade podem ser estabelecidos. No entanto, muitos criticam a escola, seja pela falta de condições materiais, seja pelos conflitos encontrados, tanto entre alunos quanto entre professores.

Os alunos declaram que a opção de frequentar a escola decorre de sua própria vontade, e não de obrigações por parte da família. Quanto às relações interpessoais nas escolas, são relatados – tanto por professores como por alunos – agressões verbais, como xingamentos, ofensas e humilhações, além de agressões físicas.

Nota-se, por parte da escola, atitudes recorrentes que alinham os novos arranjos familiares (ou modelos divergentes do tradicional) ao estigma de famílias desestruturadas, rotulando negativamente os familiares e os próprios alunos. Esse tipo de postura pode servir de barreira para a aproximação entre as instâncias de escola e família.

Um número significativo de alunos e professores afirma já ter visto discriminação nas escolas. A discriminação existente por ser ou parecer homossexual é relatada como o tipo

mais presenciado pelos alunos e alunas no cotidiano da escola. Os professores confirmam a presença de discriminação contra homossexuais. Não só os estudantes, como também os professores e a equipe da direção, relatam já haver presenciado situações de discriminação por motivo de raça/cor. As falas dos professores vão além da simples constatação da existência do preconceito e apontam, também, para situações de constrangimento e exclusão de pessoas negras do convívio social, com prejuízo para a vida escolar.

Outras formas de discriminação também aparecem nas escolas, como a discriminação pela pobreza, pelas roupas usadas, pela religião seguida, por características físicas e por deficiências. Observa-se, na discriminação, que uma ampla gama de signos de distinção é acionada a processos de estigmatização/marginalização de indivíduos ou grupos, criando-se um sistema classificatório a partir do qual determinados aspectos podem ser valorizados ou desvalorizados. Os alunos relatam que já sofreram diversos tipos de discriminação: pelas roupas usadas; pela raça/cor; pela vinculação religiosa; pela região de origem; pela pobreza e por ser ou parecer homossexual.

Os índices de resposta de alunos e professores relacionados a violências duras são bastante expressivos: os alunos e os professores afirmam já ter visto agressão física na escola, como furtos; ameaças; comércio ou tráfico de drogas; porte de armas brancas; e porte de armas de fogo. A ocorrência de outras violências “duras” é também constatada no ambiente escolar como roubo ou furto, ameaças e agressão física.

Outra questão comentada é o fato de as escolas poderem ser atingidas pelo tráfico de drogas. De um modo geral, a expansão do tráfico relaciona-se diretamente com o crescimento da violência, atingindo as escolas e proporcionando uma sensação de insegurança que prejudica de forma acentuada o clima escolar. Parte dos estudantes relata já ter tomado conhecimento de situações de tráfico de drogas na escola e mais de um terço dos professores alega saber desses casos. Ressalta-se a dificuldade dos atores em conversar sobre o assunto, pois o medo inspira a chamada lei do silêncio.

Embora uma valorização exacerbada da valentia e do perigo corresponda a uma qualidade socialmente relacionada ao masculino, tem havido transformações nos comportamentos de meninas, especialmente no que tange à resolução de conflitos por meio da violência.

Com relação às violências sexuais no ambiente escolar, o estudo adotou uma perspectiva que compreende não apenas o ato sexual forçado. Os alunos e os professores

declararam terem tomado conhecimento de abusos nas escolas como tocar (de modo sexual) à força, ao passo que alunos e professores sabem de ações como tirar a roupa à força. Por fim, os alunos e professores alegam saber de casos de relações sexuais forçadas.

Mais de um terço dos alunos afirmam já terem sofrido ciberviolência e alguns afirmam já ter praticado esse tipo de violência. Dentre os diversos tipos de violência praticada pela internet, os xingamentos foram os mais comuns. Com relação aos professores, muitos afirmam que já foram xingados por algum aluno na internet ou já tiveram fotografias suas divulgadas por alunos sem autorização. Um grande número de alunos demonstra ainda pouco conhecimento sobre as dimensões e conseqüências dos riscos relacionados ao uso da internet. São ainda poucos os profissionais de educação que apresentam conhecimento adequado sobre como orientar os alunos a fazerem um uso mais seguro da internet.

Pode-se dizer que o assunto sobre internet representa uma inovação na temática de violência nas escolas no Brasil. Constata-se, por exemplo, que mais da metade dos alunos da rede pública do DF acessam a internet com frequência, o que sugere que cada vez mais essa seja uma realidade dos jovens. Mesmo quando não possuem acesso em casa, costumam buscar outras alternativas, tais como as lan houses e os centros de acesso gratuito.

Constata-se que, ainda que as crianças, adolescentes e jovens vivenciem numerosos problemas de convivência e situações de violência, os alunos têm uma percepção positiva sobre a escola em si, desejam e estão dispostos a modificar o ambiente escolar. Ademais, sonham com a continuidade dos estudos para garantir boas condições de vida no futuro.

Neste âmbito, foram promovidos seminários intitulados **Convivência Escolar: debatendo resultados e pensando alternativas**, que ocorreram de outubro a dezembro de 2008 com o objetivo de sensibilização e aprofundamento do debate sobre violência e convivência escolar, a partir dos resultados iniciais do diagnóstico que integra o Plano de Convivência Escolar na Rede Pública de Ensino no DF. A devolução dos dados para diversos atores envolvidos na esfera da Educação e no cotidiano escolar constituiu-se em uma fase essencial no trabalho, tanto para divulgar e discutir as principais características do quadro de realidade das escolas quanto para identificar uma série de pontos que demandam maior atenção. Com resultado final da pesquisa novos seminários serão realizados.

Entre as atividades previstas para 2009 podemos destacar o **Curso Juventude, Diversidade e Convivência Escolar**, com teve início em maio/2009. Coordenado pela RITLA em parceria com a SEEDF, o curso atente um grupo de 640 professores e

coordenadores escolares, estimulando-os na complexa discussão sobre violências nas escolas e instigando-os à reflexão aprofundada sobre o tema.

Os professores participantes serão os de contrato de 40 horas. Estima-se atingir 640 professores nesta discussão, distribuídos em 16 turmas. O curso ocorrerá uma vez por semana, no turno matutino ou vespertino, as terças ou quintas-feiras (à escolha do participante, desde que haja vaga), com uma carga horária total de 140 horas/aula divididas entre teoria e prática.

A abordagem estará focada na participação social na educação e particularmente na escola. Desse contexto se analisa a conexão que esta poderia estabelecer com a família e a comunidade, assim como uma série de atores envolvidos nesse cenário. Vale a pena destacar que esta conexão tem como base o fortalecimento dos processos de democratização das sociedades contemporâneas e também tem permitido e facilitado as diversas iniciativas criadas para a prevenção, intervenção e erradicação das violências nas escolas.

Com este referencial, o **Curso Juventude, Diversidade e Convivência Escolar** está dirigido a uma abordagem que tem como principal importância a intervenção no social. Vale a pena salientar que esta linha de análise tem estado presente na literatura sobre violências nas escolas. Tanto para os especialistas no assunto como para os gestores, os grupos organizados da sociedade civil e outros atores, a violência escolar dá conta de um problema social cujas soluções só são possíveis com e através de uma gama de indivíduos de diferentes níveis e contextos.

O curso tem como objetivo promover uma reflexão sobre a participação social e as violências nas escolas a partir da perspectiva de ações empreendidas buscando como respaldo teórico a proteção dos direitos dos adolescentes e jovens, da construção da cidadania, da prática cotidiana dos educadores para assegurar a qualidade na educação.

### **Considerações finais**

O entendimento da realidade existente é primordial quando o intento é aprimorá-la. É neste âmbito que se enquadra a centralidade da realização de diagnósticos para a construção de projetos de intervenção e convivência, que sirvam de instrumentos de gestão. Nesse sentido, a procura por identificar o quadro no qual se dão as relações sociais é um passo importante para o empreendimento de políticas públicas cada vez mais eficientes, tornando de visíveis os pontos a serem trabalhados e que nem sempre podem ser acessados com facilidade. Diagnosticar as realidades das escolas, no intuito de fornecer subsídios para o

conhecimento aprofundado sobre o que ocorre no seu dia-a-dia, passa a ser, assim, parte de uma ampla política de convivência escolar que aprimorará o capital técnico da escola.

Indagar sobre questões relacionadas à violência e à convivência suscita, nos sujeitos pesquisados, atitudes e reações que revelam a profunda centralidade do tema em suas vidas. De fato, estas questões não são de menor importância para os atores envolvidos nas escolas, e nem devem sê-lo quando se trata da formulação de políticas públicas.

As ações governamentais de convivência escolar vêm ao encontro das inquietações externalizadas por alunos, professores e membros da direção com relação ao tema da violência. Nesse sentido é possível construir ferramentas para que os integrantes da comunidade escolar possam lidar com este tema, aumentando sua competência e suas possibilidades de melhor compreensão e intervenção na realidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M; SILVA, L. **Juventudes e Sexualidade**, UNESCO, Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_ **et al. Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas periferias de Brasília.**Rio de Janeiro: Garamond, UNESCO, 1999.

BRASLAVSKY, C.; Dies; **Factores para una educaaa« de calidad para todos en el siglo XXI.** Documento Básico, Fundación Santillana, Madrid, 2004.

CARRANO, P.C R; Identidades Juvenil' e Escola.. Jovens, Escolae Cultura: Revista **de Educação de Jovens e Adultos da Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil**, n° 10, novembro de 2000.

CHARLOT, B; **Du rappor: au satoir: éléments pour unethéotie.** Paris: .Anthropos, 1997.

CASTRO, M et alii....**Cultivando Vida, Desarmando Violências:** experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação d epobreza. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, BID 2001.

CASTRO, M, ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma do fazer políticas -políticas de/para/ com juventudes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, V. 19, n. 2, jul. /dez.. 2002.

CEPAL. **Adolescencia y Juventudes América Latina y el Caribe:** oportunidades y desafíos en el comienzo de un nuevo siglo. Santiago: CEPAL/OIJ, 2000.

DELORS, J. **Educação, Um Tesouro a Descobrir**; Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 2001.

ESTEVES, L. **Estar no papel**: cartas dos jovens do ensino médio / Luiz Carlos Gil Esteves et alii. – Brasília : UNESCO, INEP/MEC, 2005.

FILGUEIRA, C. **Emancipação Juvenil**: TrtEctoriasy Destinos... Montevideo: CEPAL, 1998.

SNYDERS, G. **Alunos Felizes, reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários**, paz e Terra, SP:2001.

UNESCO. **Políticas De/Para/Com Juventudes**. Brasília: Unesco, 2004.